Umbanda, abrangência além do censo demográfico

Umbanda, scope beyond the demographic census

André Luiz Valença da Cruz[201]
Docente no PPG de Administração Pública do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP)

Resumo: o presente artigo tem por objetivo investigar a abrangência da Umbanda além dos dados do censo demográfico. Para tanto, resgata o contexto histórico desde a formação da religião até os dias de hoje, apresentando tanto a visão acadêmica quanto a dos praticantes da religião. Além disso, por meio da coleta de dados quantitativos e qualitativos, apresenta dados objetivos referentes aos frequentadores de uma casa de Umbanda e à percepção de diferentes dirigentes umbandistas com relação (i) à frequência de pessoas não umbandistas aos cultos e (ii) à inibição, por parte dos umbandistas, em declararem-se como tais. Por fim, a partir da análise das informações coletadas e dos fatos históricos, conclui que a abrangência da Umbanda pode ser considerada muito maior do que a porcentagem de umbandistas constante nos dados do censo.
Palavras-chave: Umbanda. Censo. Demografia. Religião.

Abstract: This article aims to investigate the scope of Umbanda beyond the demographic census data. To this end, it aims to recover the historical context from the formation of the religion to the present day, presenting both the academic and the practitioners views. Furthermore, through the collection of quantitative and qualitative data, it presents objective data regarding the attendees of an Umbanda temple and the perception of different Umbanda leaders regarding (i)

Recebido em: 30 mai. 2025 Aprovado em: 16 ago. 2025

[201] Doutor e Mestre em Ciência da Informação pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília UnB). Graduado em Nutrição pela mesma universidade e em Educação Física pela Faculdade Dom Bosco. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/2385124496848365 E-mail: alvcbrasil@gmail.com

the frequency of non-Umbanda followers attending services and (ii) the inhibition, by Umbanda followers, of declaring themselves as such. Finally, based on the analysis of the information collected and the historical facts, it concludes that the scope of Umbanda can be considered much greater than the percentage of Umbanda followers constant in the census data.
Keywords: Umbanda. Census. Demography. Religion.

Introdução

A Umbanda é uma religião mediúnica, monoteísta e cristã[1], surgida em território brasileiro e que se formou a partir da fusão de elementos de quatro matrizes básicas: o Espiritismo Kardecista, o Catolicismo e as religiosidades africana e indígena. Nesse sentido, ao contrário do que se tem como senso comum, a Umbanda não é uma religião de matriz unicamente africana. Isso porque a doutrina umbandista mescla equilibradamente crenças, dogmas e ritos das quatro vertentes citadas, tanto na sua estrutura teórica, quanto nas práticas de terreiro (Cumino, 2022).

A prática umbandista consiste em atendimentos abertos sem restrições a pessoas de qualquer crença religiosa. Aliás, para participarem das cerimônias e realizarem as consultas, nenhuma reciprocidade é exigida, seja doutrinária, material ou financeira. Nesse sentido, é possível que a os trabalhos venham a incluir pessoas de variadas religiões que não veem problemas em frequentar a Umbanda como uma alternativa às suas religiões de origem.

Outro fato importante a ser ressaltado é a percepção sobre a possível resistência dos umbandistas de externarem a sua opção religiosa, o que pode mascarar os verdadeiros dados oficiais sobre o número de adeptos da religião. Deste cenário surge a hipótese de que a influência, a abrangência e a atuação da Umbanda se apresentam maiores do que a porcentagem de umbandistas registrada no último Censo Demográfico de 2010.

Assim, este trabalho tem como objetivo lançar luz sobre a real participação da Umbanda no âmbito da religiosidade por meio da análise da frequência relativa de não umbandistas às giras de atendimento2 em um templo de Umbanda e da opinião de dirigentes Umbandistas de outras casas no Distrito Federal por meio de entrevista e a prática de grupo focal.

A primeira sessão deste trabalho abordará o histórico da Umbanda no Brasil e a sua evolução no decorrer dos anos, bem como a sua caracterização. A segunda sessão apresentará o cenário da Umbanda no século XX por meio de fatos obras e fatos contemporâneos. A terceira sessão trará a metodologia

utilizada para coleta dos dados e os respectivos resultados e a quarta sessão apresentará a discussão dos achados da pesquisa.

1. Umbanda: Origens e Evolução

A religião denominada Umbanda foi iniciada em 15.11.1908 pelo seu primeiro dirigente Sr. Zélio Fernandino de Morais (Trindade, 2014; Saraceni, 2021). Não obstante haver o registro de práticas semelhantes anteriores ao referido anúncio, o nome Umbanda só passou a ser utilizado a partir daquela data para se referir a uma nova religião com regras e doutrina específicas que não se limitavam apena aos aspectos fenomenológicos da religião.

Tais diretrizes constituíam princípios básicos para a nova doutrina que incluíam o tipo de vestimenta (totalmente branca), a proibição de imolação de animais (fato comum em outras religiões mediúnicas) e o atendimento, imprescindivelmente gratuito, de consulta a entidades espirituais por meio da mediunidade dos seus trabalhadores (Golembieski, 2015). Esta última diretriz é a representação prática da definição da Umbanda ditada na ocasião da sua anunciação: “A Umbanda é a manifestação do Espírito para a caridade”.

Salienta-se que todos esses direcionamentos foram passados verbalmente, sem o seu registro formal, restando apenas os testemunhos dos presentes naquela ocasião e os áudios das declarações do fundador em entrevista à jornalista Lília Ribeiro. Hoje os arquivos estão disponíveis para consulta online por meio do acesso à página eletrônica da TENSP - Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, fundada pelo Sr. Zélio de Morais (tensp.org).

A formação da Umbanda, mais do que sincrética, pode ser considerada uma síntese. Isso porque o sincretismo de caracteriza pela fusão de diferentes cultos com a reinterpretação dos seus elementos e criação de um novo culto, com a extinção dos sincretizados.

Entretanto, não foi isso que aconteceu com a Umbanda. Diferentemente, ela incorporou saberes específicos de várias linhas religiosas, sem alterá-los, formando assim uma nova religião sem a extinção das anteriores. Nesse contexto, trouxe do Espiritismo a crença na evolução humana por meio da reencarnação e elementos da prática mediúnica. Da religião africana, o uso das guias3, os cânticos (pontos cantados), o uso dos atabaques e o nome dos Orixás4. O uso de fumo, ervas, chás e defumações foram trazidos da religiosidade indígena e, por fim, sincretismo religioso promoveu a fusão dos Orixás africanos com os santos católicos Cumino, 2022)

Mas esse processo de destacar partes de outras religiões e organizá-los em uma nova lógica realmente formou uma nova religião? Esta pergunta é respondida por Angeli (2023) quando cita os requisitos básicos para a caracterização de uma religião e confirma a adequação da Umbanda perante todos eles, quais sejam:

- Doutrina Própria: apesar de ser formada por conceitos e crenças de outras religiões, a Umbanda tem sua própria doutrina independente das que lhe deram origem;
- Sacramentos: a Umbanda possou rituais de batismo, confirmação, firmeza, consagração.
- Templo e locais sagrados: o Terreiro é o templo da Umbanda que tem na natureza seu local sagrado.
- Hierarquia: tanto no mundo material quanto no espiritual a Umbanda segue uma cadeia de comando.

Como uma religião mediúnica, a Umbanda se vale da comunicação com entidades espirituais por meio do trabalho dos médiuns que promovem a comunicação entre o consulente e o espírito comunicante. Nesse sentido, a Umbanda se caracteriza por uma porta aberta a todos os indivíduos. Isso porque a característica básica da Umbanda é a assistência espiritual à comunidade por meio das consultas individuais. Seguindo esse princípio, após a sua anunciação, foi fundado, em 16.11.1908, o primeiro templo de Umbanda denominado Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Nos anos seguintes o número de adeptos à nova religião aumentou e se constituía de pessoas de variadas classes sociais e de religiões diversas, mesmo porque, sendo a Umbanda uma religião recém fundada, ainda não havia tempo suficiente para que se verificasse um número grande de umbandistas declarados.

Entretanto, em que pese o crescimento no número de adeptos, os praticantes da Umbanda passaram por momentos de dificuldade principalmente nas décadas de 1920 e 1930 devido à vigência do Código Penal (1890) que em seu artigo 157 classificava as práticas da Umbanda como “Crime Contra a Saúde Pública”. Nesse período, as autoridades policiais tinham poderes para deter praticantes e fechar terreiros que se entendessem enquadrados na Lei.

Com a aprovação do Código Penal de 1940, a Umbanda deixou de ser perseguida oficialmente e a religião entrou em um período de legitimação. Em 1941 foi realizado o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941) que teve como objetivos “estudar, debater e codificar esta empolgante

modalidade de trabalho espiritual". A partir daí se deu início ao processo de maior crescimento e afirmação da religião.
Esse período contou com o aparecimento de farta literatura umbandista com o lançamento de importantes obras que serviram e servem de base para a religião5. A seguir são listadas uma amostra das mais relevantes seguidas do autor e o ano de publicação.

- O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda – Leal de Sousa (1933)
- Umbanda de Todos Nós – W.W. da Matta e Silva (1956)
- Umbanda e o Poder da Mediunidade – W. W. da Matta e Silva (1964)
- Doutrina e Ritual de Umbanda – Byron Torres de Freitas (1970)
- A Umbanda na Sua Vida – Ronaldo Linares (1989)
- Umbanda e sua História – Diamantino Trindade (1991)
- Doutrina e Teologia da Umbanda Sagrada – Rubens Saraceni (1995)
- Jardim dos Orixás – Norberto Peixoto (2004)
- Os Arquétipos da Umbanda – Rubens Saraceni (2007)
- Umbanda Pé no Chão – Norberto Peixoto (2008)
- Memórias da Umbanda no Brasil – Ronaldo Linares (2011)
- Memórias da Umbanda no Brasil – Diamantino Trindade (2015)
- Umbanda: O Transtorno de Identidade de Uma Religião Violentada- Jorge Caetano Jr. (2016)
- O Transe Ritual na Umbanda – Norberto Peixoto (2019)
- O Magnetismo na casa Umbandista – Norberto Peixoto (2021)
- Umbanda para Iniciantes – Rodrigo Queiroz (2023)
- Umbanda em Casa: Prática umbandista familiar – Beto Angeli (2023)
- Exu Não é o Diabo – Alexandre Cumino (2023)

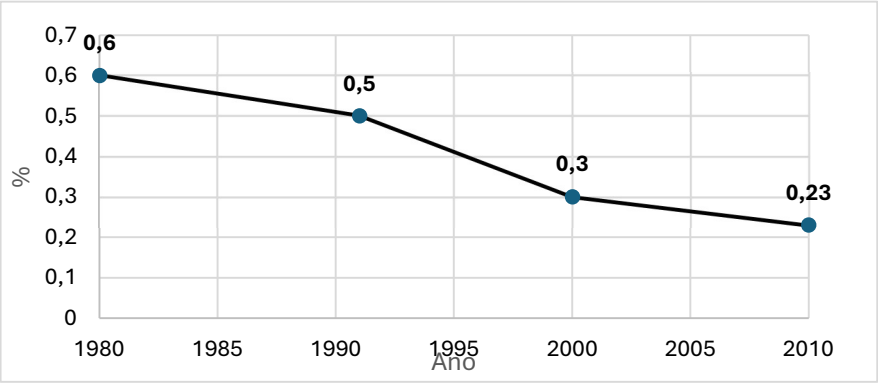
Além das obras literárias relatadas, importante registrar as editoras que se especializaram nesse tema.

- Madras
- Vozes de Aruanda
- Aruanda
- Encruzilhadas
- Boa Nova
- Legião Publicações
- Fundamentos de Axé

2. Umbanda no século XX

Percebe-se que, apesar do preconceito ainda vigente em boa parte da população, nos seus 116 anos de existência, a Umbanda demonstrou um grande avanço no que diz respeito à produção de conteúdo doutrinário e esclarecedor. Entretanto esse avanço não se reflete nos números oficiais de umbandistas no Brasil. Isso porque segundo os registros do último Censo Demográfico divulgado (IBGE, 2010), a porcentagem de umbandistas declarados vem sofrendo uma queda no decorrer dos anos. Segundo Carlos Haag (2011) a participação relativa dos umbandistas na população brasileira tem reduzido ano a ano, conforme demonstra o gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1: Evolução da participação relativa de umbandistas na população brasileira. [6]



Para Fernandes e Henn (2018) uma das causas do decréscimo demonstrado no gráfico 1 foram os crescentes ataques que a religião passou a sofrer das religiões majoritárias no Brasil, mormente o Catolicismo e o Protestantismo, a partir da década de 1960. Tais campanhas tinham como objetivo "desmistificar" os cultos e demonizar os cultos e objetos ritualísticos.

Tal prática ainda é verificada atualmente e, aliada ao passado discriminatório pelo qual a religião passou, segundo Jorge e Rivas (2012), contribui para que os praticantes da Umbanda evitem se declararem umbandistas na ocasião dos censos demográficos. Sobre o assunto os autores declaram:

> Todo esse processo de repressão influenciou e **ainda influencia** a forma com que as pessoas declaram sua religião aos censos. (...) muitos [praticantes] **continuam** não se denominando enquanto tais [umbandistas], preferindo

> declararem-se como kardecistas ou católicos. (Grifos e informação entre colchetes são nossos).

Corroborando a tese de discriminação atual sobre a Umbanda, pesa o fato de que apesar deste ambiente de preconceito ter se iniciado em tempos remotos, ele ainda se mantém vigente, haja vista as matérias jornalísticas que retratam tal realidade como as listadas a seguir, todas do ano de 2025.

> RJ: terreiro de Umbanda é alvo de ataque e roubo; bíblia é deixada no local. CNN (29.01.2025)

> Terreiro de Umbanda é alvo de vandalimo na cidade de Tutóia, no baixo Parnaíba (G1 Maranhão, 29.04.2025)

Este contexto ratifica a hipótese de que até os dias de hoje, parte dos umbandistas ainda não se declarem oficial e publicamente como tais. Fato corroborado pelas declarações colhidas no documentário Santo Forte do cineasta Eduardo Coutinho (1999). O documentário tem como objetivo explorar as formas de apropriação das religiões. Para tanto são realizadas entrevistas sobre religiosidade com moradores de uma comunidade do Rio de Janeiro denominada Favela Vila Parque da cidade. Alguns trechos das entrevistas merecem destaque e comentários pois evidenciam hipóteses do presente trabalho. Importante salientar que cada trecho foi retirado de declarações de diferentes entrevistados.

> Eu sou **católico** e a gente tem um pouquinho do **espiritismo**, né? (...) porque eu sou batizado na Igreja Católica, então não deixo de ser católico. (...) O meu lado do **espiritismo** é exatamente um pouco da **Umbanda**. (grifos nossos).

O trecho acima deixa claro que, para o respondente, a Umbanda é um tipo ou versão do espiritismo. Nesse sentido, no entendimento do entrevistado, mesmo participando ativamente dos rituais de Umbanda, a denominação de espírita é suficiente para englobar a sua religiosidade.

> Sou **espírita** né? Mas na hora da abertura do **terreiro** eu rezo o Pai Nosso a Ave Maria, mas eu sou **espírita**." (grifos nossos)

Aqui a relação fica mais clara pois a respondente se declara espírita e relata que executa trabalhos de terreiro que são típicos da Umbanda. Mais uma vez fica clara a fusão de denominações entre Espiritismo e Umbanda.

> É difícil explicar pro senhor, mesmo porque a gente é **umbandista**, mas eu digo pro senhor: eu sou **católico**." (grifos nossos).

Esta declaração evidencia a dificuldade de se enquadrar como umbandista. Percebe-se que o entrevistado, apesar de praticar a Umbanda e se entender umbandista, ratifica a sua condição de católico.

> "[meu filho] primeiro foi batizado na **Católica**, depois na **Umbanda**. Eu sempre coloquei na minha cabeça que o mais importante é a Igreja Católica. (...) Eu não sigo a ela, não vou aos domingos em missas, em nada, mas eu acredito muito nela. [Na Umbanda] tem umas coisas diferentes. O padre no caso não está usando nenhuma batina. (...) O padre ali [na cerimônia de batizado na Umbanda] no caso é uma entidade que vem de outro lugar que não é carnal, é um espírito (informações entre colchetes e grifos nossos).

Nesta declaração o respondente salienta que, mesmo tendo batizado seu filho na Umbanda e não praticando o Catolicismo, entende-se católico. Esse depoimento vai ao encontro da teoria de Jorge e Rivas (2012) citada na página 4 do presente trabalho.

Um importante elemento que contribui para o entendimento desse processo, aparentemente confuso, de identificação religiosa é o que Almeida e Monteiro, (apud Pereira e Paulino, 2021) identificaram como "trânsito religioso" para a qual os autores apresentam a seguinte definição.

> Esta noção aponta, pelo menos, para **a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas**, descrita pelas análises sociológicas e demográficas; e, em segundo, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço de diversas pertenças religiosas [...]. (grifos nossos)

No entendimento dos autores, na sociedade contemporânea e multifacetada, “a identidade religiosa não é mais concebida de forma essencializada”. Pelo contrário ela é abordada como um campo de possibilidades tornando menos complexo o trânsito interreligioso. No outro lado dessa tendência, está a busca de unicidade pela Umbanda que, conforme Caetano Jr. (2016) é uma religião que passa por uma crise identitária.

> A Umbanda foi vítima da falácia da autoridade[7], e amarga, devido a isso, desde então, um transtorno de identidade que, presentemente, necessita e merece ser devidamente diagnosticado e tratado.

Corroborando esse fato, cita-se uma importante manifestação com relação à assunção da religião pelos seus seguidores: a campanha disseminada entre os centros de Umbanda às vésperas do Censo de 2010 denominada “Censo 2010: Diga: Sou Umbandista”. O referido movimento encorajava os praticantes de Umbanda a se declararem como tais ao serem interpelados pelo agente censitário. O movimento teve como símbolo a logomarca demonstrada na Figura 1. A campanha em questão ratifica claramente a tendência, verificada pelos próprios umbandistas, de que muitos deles deixavam de registrar a sua religiosidade abertamente.

Figura 1: Logomarca da Campanha Sou Umbandista.[8]



Este cenário em que a Umbanda, por um lado, atrai pessoas de todas as religiões e por outro, não é assumida pelos seus próprios praticantes, gera, uma percepção contraditória, mas que, apesar do aparente paradoxo, direciona a discussão para o efeito comum: a subvalorização da participação da Umbanda no contexto religioso brasileiro. Para investigar esta hipótese construiu-se a metodologia descrita a seguir.

3. Metodologia e resultados

Com o intuito de aprofundar, mesmo que localmente, a percepção acerca dos fatos citados até este momento e baseado nos objetos de estudo, quais sejam o consulente e o praticante da Umbanda, foi definida a seguinte metodologia para o trabalho.

O método escolhido para a coleta de dados englobou a abordagem mista descrita por Creswell (2010) em que se lança mão tanto de métodos qualitativos quanto quantitativos. Segundo o autor, por meio desta abordagem "pode-se obter mais insights do que com cada uma das formas isoladamente. Seu uso combinado proporciona uma maior compreensão dos problemas de pesquisa". A seguir estão descritas as duas abordagens propostas.

2.1 Pesquisa quantitativa:

O componente quantitativo da pesquisa foi obtido a partir da análise de material produzido pelo Núcleo de Estudos Umbandistas – NEU do Distrito Federal para a triagem de novos frequentadores do templo religioso. Os "Questionários de Primeira Vez - QPV" são direcionados àqueles consulentes que visitam a casa pela primeira vez e é constituído de 15 perguntas objetivas. Dessas, a única pergunta analisada para fins deste artigo foi "Qual a sua religião?". Como opção de resposta, constam no questionário as seguintes alternativas (em ordem alfabética): Católico, Espírita, Evangélico, Umbandista e Outras.

No período de 09.02.2022 a 23.05.2025 foram aplicados 1097 questionários e, para este estudo, foram consideradas apenas aquelas respostas que apontaram uma única religião. Nesse contexto, foram descartadas 39 respostas nas quais o respondente assinalou duas ou mais religiões. Assim o universo final analisado foi de 1058 respondentes.

Os dados foram compilados e os resultados são os demonstrados no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Religiões dos participantes de primeira vez no NEU.[9]

Religião	Quantidade	Percentual
Outras	394	37,24
Umbandista	276	26,09
Espírita	240	22,68
Católica	134	12,67
Evangélica	14	1,32

2.2 Pesquisa qualitativa

O componente qualitativo da pesquisa foi composto por uma entrevista semiestruturada aplicada individualmente a um dirigente do Núcleo de Estudos Umbandistas – NEU e em um Grupo Focal9 realizado com quatro membros da administração do Centro Espírita Nossa Senhora da Glória - CEANSG9. Os questionamentos foram os mesmos para as duas abordagens.

O questionário foi composto de três blocos: 1. Identificação do respondente, 2. Identificação da casa e 3. Percepção do entrevistado sobre (i) a frequência de não umbandistas nos atendimentos de Umbanda e (ii) a possibilidade de resistência dos Umbandistas em declarar sua religião para o Censo do IBGE.

A entrevista e a dinâmica foram gravadas e os resultados obtidos nos blocos 1 e 2 são os relacionados nos Quadros 2 e 3 seguir.

Quadro 2: Qualificação dos dirigentes entrevistados.[10]

		Tempo em anos no(a)		
Respondente	Cargo	Cargo	Casa	Umbanda
Jorge Caetano Júnior[11]	Dirigente Doutrinário	17	17	44
Ricardo da Costa Faria[12]	Vice-presidente Espiritual	1	60	60
Gilberto Marcos Pereira Oliveira[12]	Adjuntó	2	48	49
Luís Henrique de Castro[12]	Ogã	11	14	14
Daniel Castro Correa Souza[12]	Ogã Adjuntó	6	10	10

Quadro 3: Qualificação das casas de trabalho dos dirigentes entrevistados.[13]

Casa	Idade	Giras por mês	Frequência média/gira

1. Núcleo de Estudos Umbandistas	17	5	50
2. Centro Espírita Nossa Senhora da Glória[14]	60	10	250

Com relação ao Bloco 3 os quadros 4 e 5 demonstram as perguntas efetuadas e a síntese das respostas.

Quadro 4: Percepção dos dirigentes entrevistados sobre a pergunta 1.[15]

Pergunta1: Qual a sua percepção quanto à frequência de pessoas de religiões diferentes da Umbanda nos atendimentos?	
Jorge Caetano Júnior	**Grupo Focal**
É sempre muito grande. Principalmente daqueles que se intitulam espíritas. Mas temos muito católicos também. Nós temos muitos pessoas que, embora não sejam oficialmente umbandistas, manifestam uma fé muito grande na Umbanda (...) e estão frequentemente nas casas de Umbanda.	A Umbanda é uma religião muito assistencial. Essa forma da gente estruturar nossos trabalhos faz com que pessoas de outros cultos nos procurem. Nós não temos um "apontar de dedos". 99% das pessoas vêm em busca do acolhimento. Nós não julgamos o livre arbítrio de ninguém. Seguramente 60% das pessoas que frequentam nosso terreiro são de outros cultos. Toda gira a gente pergunta "Quem é novo aqui no CEANSG?" Uns 40% levantam a mão. A gente são sabe qual a origem religiosa delas, mas são de outras religiões.

Quadro 5: Percepção dos dirigentes entrevistados sobre a pergunta 2.[16]

Pergunta 2: Qual o seu posicionamento quanto à afirmação de Jorge e Rivas (2012) a seguir? *"Todo esse processo de repressão [à Umbanda] influenciou e ainda influencia a forma com que as pessoas declaram sua religião aos censos. (...) muitos [praticantes] continuam não se denominando enquanto tais [umbandistas], preferindo declararem-se como kardecistas ou católicos."*	
Jorge Caetano Júnior	**Grupo Focal**
Eu não falaria de repressão [oficial] hoje em dia. (...) Essa coisa de repressão mesmo é coisa que existiu até a década de 30. (...) Hoje a constituição garante liberdade de culto	De forma prática, tangível e avassaladora, sim ainda existe o **preconceito**. Os cultos mais tradicionais se difundiram mais do que a Umbanda.

para todo mundo. (...) Hoje em dia, ao invés de falar de repressão eu falaria de **preconceito**, que ainda pesa como uma sombra sobre várias pessoas e que faz com que, **no Censo, muitos praticantes de Umbanda se declarem como espíritas ou católicos.** Se não houvesse isso, provavelmente o número oficial de umbandistas no País seria bem maior do que é apontado pelo Censo.	A falta de informação é que faz com que exista o preconceito. **O médium umbandista ainda se identifica como espírita, kardecista**, como espiritualista, principalmente na seara da família e do trabalho. **Ainda existe muito medo**. O **próprio médium**, o próprio umbandista ainda se reprime muito. **Nós estamos precisando que ele assuma que é umbandista**.

4. Discussão

A análise conjunta das informações derivadas dos dados coletados leva às seguintes constatações:

1. Das pessoas que buscam a Umbanda por meio da casa pesquisada, 74% se declararam não umbandistas e as religiões mais citadas neste grupo foram o Espiritismo com aproximadamente 23% de frequência e o Catolicismo com 13%;
2. A média de tempo de Umbanda dos participantes da etapa qualitativa é de 35 anos;
3. O número médio de consultas realizadas mensalmente em conjunto pelas casas estudadas é de 2.750.
4. É consenso entre os entrevistados que a maioria das pessoas que frequenta os centros de Umbanda como consulentes professam outras religiões;
5. Os entrevistados concordam que o preconceito é um empecilho à declaração das pessoas, inclusive trabalhadores ativos, como Umbandistas.

A análise das constatações citadas revela um cenário em que despontam dois fatos que contribuem fortemente para a subvalorização da abrangência da Umbanda no cenário religioso.

Um deles é derivado da característica assistencial da Umbanda, que, como evidenciado nas falas extraídas do grupo focal, historicamente não impõe regras de conduta tampouco orientações doutrinárias a seus consulentes. Essa abertura proporciona ambiente favorável para que pessoas de outras religiões sintam-se acolhidas e à vontade para frequentar os atendimentos. Essa tendência também encontra respaldo nos dados obtidos da pesquisa quantitativa relacionados no item 1 desta discussão.

O outro fato fortemente observado nas falas dos entrevistados é a tendência dos umbandistas não se declararem abertamente como tais. Todos os dirigentes identificaram que, apesar de não haver uma repressão oficial, o preconceito permanece e desencoraja muitos umbandistas, inclusive trabalhadores ativos, a não assumirem a Umbanda como sua religião com temor de represálias no trabalho, na família e em outros ambientes sociais.

Conclusão

Por ser uma religião recente, hoje com 117 anos, a Umbanda passou e ainda passa por um processo de amadurecimento e solidificação. Essa constatação, aliada ao fato do seu fundador não ter deixado legado por escrito colabora para descentralização da religião, mas, ao mesmo tempo, a torna mais flexível perante movimentos sociais. Talvez essa seja a razão pela qual a Umbanda ainda resiste apesar das intempéries.

A observação crítica do ambiente umbandista, particularmente as cerimônias de atendimento ao público, denominadas de giras de atendimento, instigam o pensamento do observador mais atento para a hipótese de que a Umbanda tem uma participação muito mais abrangente do que aquela registrada nos números da demografia oficial.

Com esta hipótese registrada, o presente trabalho buscou jogar luz sobre assunto a partir do momento que aliou o conhecimento acadêmico aos eventos históricos e aos fatos achados da pesquisa que se complementam na direção de um comportamento, que pode ser ampliado a partir de estudos mais abrangentes, mas que, por si só, já mostra uma forte tendência de confirmar a hipótese da pesquisa a partir da verificação de duas assertivas: há muitos umbandistas que não se declaram assim ao censo e há muitos praticantes de outras religiões que procuram a Umbanda.

Quanto à hipótese da não declaração da religião pelos umbandistas, as constatações de Jorge e Rivas (2012), aliadas aos relatos registrados na obra Santo Forte (1996) e ao advento da campanha “Censo 2010: Diga Sou Umbandista” vão diretamente ao encontro dos atuais relatos dos dirigentes coletados na pesquisa qualitativa referente à questão nº 2. Esse encontro de opiniões de variadas fontes na mesma direção levanta forte evidência de que nos dias de hoje há uma porcentagem considerável de umbandistas que não se identificam como tais. Nesse sentido, há grande probabilidade de que a quantidade de umbandistas no Brasil esteja subestimada.

Tratando-se da hipótese de que a Umbanda assiste pessoas de outras religiões, os dados da pesquisa quantitativa e os resultados da percepção dos dirigentes referentes à questão 1 da pesquisa qualitativa direcionam à sua

confirmação, ou seja, muitos dos assistidos no âmbito da Umbanda são praticantes de outras religiões e se sentem à vontade para realizar consultas espirituais nos seus terreiros. Esta constatação vem na esteira da definição de trânsito religioso defendido por Pereira e Paulino (2021).

Unindo-se as duas constatações, pode-se garantir que o presente trabalho, apesar do foco restrito a duas casas de umbanda, levantou dados sólidos que justificam a realização de pesquisas mais abrangentes sobre o tema. Nesse sentido, funcionou como um robusto passo na direção de identificar a verdadeira influência da Umbanda no contexto religioso brasileiro.

Referências

ANGELI, Beto. Umbanda em casa: prática umbandista familiar. Rio de Janeiro: Fundamentos de Axé, 2023.

CAETANO, Jorge Júnior. *Umbanda: o transtorno de identidade de uma religião violentada*. Brasília: Edição do autor, 2016.

CENSO 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em 28 maio 2025

CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1, 1941, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1941. 120 p.

CRESWELL, John Ward. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Poro Alegre: Artmed, 2010.

CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2022.

FERNANDES, Stéfani Martins; HENN, Leonardo Guedes. *As voltas da religião: o desenvolvimento histórico da Umbanda*. *Revista Religare*. V. 15, n.2, p. 687-703, 2018.

GOLEMBIESK, Rogério. *Rosa Branca de Umbanda*. São Paulo: Ícone, 2015.

HAAG, Carlos. A Força Social da Umbanda. *Revista Fapesp*, 2011. Disponível em: < https://revistapesquisa.fapesp.br/a-forca-social-da-umbanda/> Acesso em 28 maio 2025

JORGE, Érica; RIVAS, Maria Elise. *Por uma interpretação do Censo 2010 da repressão ao movimento Umbandista atual. Revista Eletrônica do Grupo de pesquisa identidade!*. v. 17, n. 1, p. 121-13670, 2012.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes; PAULINO, Antonio George Lopes. Trânsito religioso: estudo de uma trajetória entre umbanda e catolicismo. In: PAULINO, Antonio George Lopes (Org.). *Religiões, espaço público, tensões e conflitos em um cenário plural*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2021.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto Nº 847*, de 11 de outubro de 1890.

Santo Forte. Direção: Eduardo Coutinho. Produção de Cláudio Braga. Rio de Janeiro: Centro de Criação de Imagem Popular – CECIP, 1999. Disponível em: < https://globoplay.globo.com/v/9116945/> Acesso em: 20 maio 2025.

SARACENI, Rubens. Doutrina e teologia de Umbanda Sagrada. São Paulo: Madras, 2021.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *História da Umbanda no Brasil*. Limeira Editora do Conhecimento, 2014.